



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

PÂMELLA HELLEN SANTOS SILVA ARAÚJO

**AFETIVIDADE: SIGNIFICADO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E SUA
REPERCUSSÃO NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

CAMPINA GRANDE
NOVEMBRO 2011

PÂMELLA HELLEN SANTOS SILVA ARAÚJO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado a Coordenação do Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Msc. Livânia Beltrão Tavares

**AFETIVIDADE: SIGNIFICADO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E SUA
REPERCUSSÃO NA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

CAMPINA GRANDE – PB

2011

A663a

Araújo, Pâmella Hellen Santos Silva.

Afetividade [manuscrito]: significado na relação professor-aluno e sua repercussão na aprendizagem de crianças da educação infantil./ Pâmella Hellen Santos Silva Araújo. – 2011.

25f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares, Departamento de Educação”.

1. Educação infantil. 2. Afetividade. 3. Brincadeiras. I. Título.

21. CDD 372

PÂMELLA HELLEN SANTOS SILVA ARAÚJO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profª Msc. Livânia Beltrão Tavares

Aprovado em: 02/12/2011

Nota: 9,5 (nove e cinco décimos)

Examinadores:

Livânia Beltrão Tavares

Profª Msc. Livânia Beltrão Tavares

Orientadora

Diana Sampaio Braga

Profª. Msc. Diana Sampaio Braga
Examinadora

Ângela Maria Brasil Nicoletti

Profª. Esp. Ângela Maria Brasil Nicoletti
Examinadora

RESUMO

O presente artigo analisa a afetividade e seu significado na relação professor/aluno, e como esta repercute e influencia no processo de ensino-aprendizagem de crianças da Educação Infantil. Inicialmente falaremos da criança e seu percurso na história, ou seja, conhecer a condição, visão e como a infância era tratada em diferentes épocas e concepções. Assim traçamos também um pequeno estudo sobre a Educação Infantil, seus princípios, leis e contribuições no desenvolvimento afetivo das crianças. Por fim a análise dos aspectos sócioafetivos para o desenvolvimento e o processo de ensino-aprendizado, com ênfase na importância da afetividade como recurso motivador e como ele se transforma em agente na resolução dos principais problemas do cotidiano enfrentados em sala de aula pelos professores e alunos em suas interações enquanto sujeitos inerentes do processo educacional. Com uma pesquisa de caráter qualitativo, sendo realizada através de observação e questionários, fazendo-se uma ponte com as referências bibliográficas estudadas, para lançar subsídios à reflexão de leitores e pesquisadores atraídos pelo assunto aqui abordado.

Palavras-chave: Afetividade, professor/aluno, aprendizagem.

ABSTRACT

The present article analyzes the affectivity and its meaning in the teacher / student relation, and how it affects and influences in the process of teaching and learning of child from children's education. Initially we'll talk about the child and his journey in history, in other words, to meet the condition, such as childhood vision was treated in different eras and conceptions. So we also draw a small study on early children's education, its principles, laws and contributions in the emotional development of the children. Finally, the analysis of the socio-affective aspects to the development and the teaching-learning process, emphasizing the importance of affectivity as a motivator resource and how it becomes the main agent in solving everyday problems faced in the classroom by teachers and students in their interactions as subjects involved in the educational process. With a qualitative study research, being conducted through observation and questionnaires, making a bridge with the bibliographical references studied, to launch subsidies for a reflection of readers and researchers attracted to the subject addressed here.

Keywords: Affectivity, teacher/student, learning.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, o tema afetividade vem recebendo destaque nas pesquisas em Educação, uma vez que as relações afetivas são um aspecto de fundamental importância no processo de aprendizagem, especialmente na Educação Infantil, tendo em vista que, nesta etapa, as crianças ainda estão muito apegadas ao contexto familiar, sendo a entrada na escola o primeiro momento deste afastamento.

Diante disto, sentimos a necessidade de realizar um estudo de caso, com o principal objetivo de analisar como estão sendo trabalhados e desenvolvidos os aspectos afetivos na relação professor - aluno na Educação Infantil e sua influência no processo de ensino e aprendizagem, tomando como base diferentes teóricos, como Piaget, Wallon, Vygotsky, entre outros.

A realidade atual, onde as crianças estão dando início à escolarização cada vez mais cedo, vem favorecendo à escola tornar-se o primeiro agente socializador destas fora do círculo familiar, e muitas vezes nos deparamos com uma triste realidade, a escola (principalmente a pública) não está preparada para receber estes pequenos de uma forma prazerosa, oferecendo segurança, proteção e afeto.

A criança, ao entrar na escola pela primeira vez, precisa ser muito bem recebida, porque nessa ocasião dá-se um rompimento de sua vida familiar para iniciar-se uma nova experiência, e esta deverá ser agradável, para que haja um reforço da situação.

O profissional da educação, muitas vezes sentindo-se despreparado, procura alternativas e se depara inúmeras vezes com as dificuldades que tem em enfrentar os desafios do aluno; com as suas próprias deficiências, necessidades e, sobretudo, em se ver fazendo parte neste processo, que é antes de tudo uma troca. As trocas afetivas, neste momento, possibilitam uma busca de transformações para o processo de ensino diário, pois a afetividade aí envolvida não se limita apenas ao contato físico, é essencial que o adulto que convive com a criança perceba e respeite suas necessidades e vontades, não forçando a criança a nada que lhe seja desagradável, não esquecendo que o professor é responsável por desenvolver habilidades que serão levadas pelos educandos pelo resto de suas vidas.

APORTE TEÓRICO

A criança e o seu percurso histórico

Consideramos oportuno antes de falar sobre afetividade na Educação Infantil, refletir um pouco sobre a história da infância e enfatizando como a criança era tratada e vista em diferentes épocas.

Na Idade Média o momento da infância era reduzido a um período frágil e a criança mal adquiria um desembaraço físico, logo era misturada aos adultos, tornando-se assim um “adulto em miniatura” e ela era vista diferente do adulto apenas em escala de tamanho e força, no entanto as outras características, aos olhos da época, eram iguais (ARIÈS, 1978).

A teologia, representada neste momento por Santo Agostinho, elaborou uma imagem dramática da infância, logo ao nascer à criança era um símbolo das forças do mal, imperfeita e esmagada pelo peso do pecado original, para este autor a natureza da criança é tão corrompida que o trabalho de recuperação deve ser penoso, justificando assim, todas as ameaças, as varas e palmatórias.

Este pensamento Agostiniano prevaleceu durante muito tempo na história da pedagogia. Segundo Badinter (1985 p.57): “Os pedagogos, quase sempre mestres em teologias, recomendam aos pais a frieza em relação aos filhos, lembrando-lhes insensatamente sua malignidade natural, que seria um pecado alimentar”, ou seja, os pedagogos da época enfatizavam o pensamento que, para a recuperação deste ser maligno, que é a criança, seria uma tarefa muito difícil que cansa a todos, atribuindo assim um papel importante ao castigo, considerado como redentor, pois para salvar a alma não poderia hesitar em castigar o corpo. A afetividade, o carinho eram considerados crimes que estragariam tudo e levariam o ser humano para o inferno.

Já no final deste mesmo século, surgiu a filosofia de Descartes, que banuiu a teoria Agostiniana. Segundo Descartes, a infância é, antes de mais nada, fraqueza do espírito, período da vida em que a faculdade de conhecer, o entendimento, está sob a dependência do corpo, ou seja, deixar-se conduzir pelas sensações de prazer e de dor, estando assim condenada ao erro perpétuo; era preciso, portanto, livra-se da infância (BADINTER, 1985).

Podemos dizer que tanto para Descartes, como para Agostinho, a infância representa um papel semelhante; para um era erro, para outro um pecado, mas para ambos, a infância era um mal.

Em outro momento da história, a criança passou a ser considerada como um estorvo, com diz Badinter (1985, p. 64):

Considerando o comportamento social da época a criança é considerada mais como um estorvo, ou mesmo como uma desgraça, do que como um mal ou pecado. Por motivos diferentes e até mesmo opostos, a criança, e particularmente o lactante, parece construir um fardo insuportável para o pai, a quem toma a mulher e, indiretamente, para mãe.

Os cuidados, a atenção de que um bebê precisa em um lar nem sempre agradam aos pais, surgindo assim algumas soluções terríveis, que vão do abandono físico, ao abandono moral, comum nesta época do infanticídio à indiferença.

No início do século XVIII, a criança passa a ser caracterizada como um brinquedo, ou uma máquina divertida, da qual se gosta pelo prazer que proporciona, e não pelo seu bem ou pelas suas necessidades. É como se fosse um pequeno ser sem personalidade, um “jogo” nas mãos dos adultos, que quando deixa de distrair, deixa de ser interessante.

Vale ressaltar que ainda neste século surgiram algumas preocupações com a infância, resultado do reconhecimento e valorização que as crianças passaram a ter no meio em que viviam. Daí pode-se evidenciar um longo caminho a ser percorrido no reconhecimento da criança como ser histórico e social (BADINTER, 1985 p.78).

O lar aos poucos ia se tornando um lugar de afeição necessária, a criança começa a sair do seu antigo anonimato e ganha um espaço crescente de importância no meio familiar, incrementando-se os cuidados cada vez mais exigentes de preservação da vida.

Sugiram também vários teóricos que encabeçaram e defenderam movimentos e teorias em favor da Educação Infantil, dentre eles destacaram-se Comenius (século XVII), defendendo que a educação deve iniciar desde o nascimento, e tem suas próprias particularidades diferentes dos adultos; Rousseau e Pestalozzi (século XVIII), defendendo que a criança se desenvolve de dentro pra fora e que é essencial estimular a observação e a raciocínio; Froebel (século XIX) acreditando na atividade espontânea e que nunca deve ser substituída por padrões artificiais e Maria Montessori (século XX), que também defende o desenvolvimento natural da criança, afirmando que são

necessárias as crianças se libertarem das atitudes autoritárias dos adultos que podam sua liberdade (BRANDÃO, 2008).

Foi Rousseau, com a publicação de *Emílio ou da Educação* em 1762, que firmou as novas idéias e deu um verdadeiro impulso inicial à família moderna, isto é, a família fundada no amor. É a partir desta época que os adultos começam a dar uma nova atenção às crianças, mas ainda não significa que reconheçam o lugar privilegiado que as crianças merecem na família, o centro. Mas isto ainda estava muito longe de acontecer.

A escola começa a representar um lugar da educação, em complemento da aprendizagem no convívio direto com os adultos, de quem especialmente as crianças menos favorecidas vão se distanciando. No entanto, começa uma nova trajetória a ser percorrida, a de lutar por um espaço igual para todas, e isto é algo que buscamos e lutamos até nos dias atuais.

Falando um pouco sobre a Educação Infantil seus princípios e objetivos

A Educação Infantil é considerada a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade. Visa também contribuir para que possa realizar nas instituições o objetivo socializador dessa etapa educacional em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação pelas crianças, dos conhecimentos da realidade social e cultural. Torna-se importante ressaltar, para que as peculiaridades desse período sejam respeitadas, é necessário que as instituições e profissionais que nela atuam cumpram duas funções complementares e indissociáveis: cuidar e educar.

Nas propostas do Ministério de Educação e Cultura (MEC,1998) a educação de criança de zero a seis anos abrange os seguintes objetivos: favorecer o desenvolvimento infantil nos aspectos físico, motor, emocional, social, intelectual; promover a ampliação das experiências e dos conhecimentos infantis, estimulando o interesse da criança pelo processo transformação da natureza e pela dinâmica da vida social; e contribuir para que a sua interação e convivência na sociedade sejam produtivas e marcadas pelos valores de solidariedade, liberdade, cooperação e respeito.

De acordo com a publicação Política Nacional da Educação Infantil (MEC, 1994), a Educação Infantil não é obrigatória, mas um direito a que o Estado tem

obrigação de atender. As instituições que oferecem este tipo de ensino são creches, para crianças de zero a três anos, e as pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos.

A Educação Infantil brasileira é recente, tem pouco mais de um século de história. Nas constituições anteriores a 1988, as referências a essa etapa se limitavam ao do “assistir” a maternidade e a infância. Mas a Carta Magna em vigor a define como um “dever” do Estado.

A nova lei de diretrizes e bases (LDB) fundamenta-se na constituição de 1988, e na composição de níveis de escolaridade, determina que a Educação Infantil faz parte da Educação Básica brasileira.

A lei Nº 9394, promulgada em dezembro de 1996 estabelece, de forma incisiva o vínculo entre o atendimento as crianças de zero a seis anos de idade e a educação. O MEC definiu que as creches e pré-escolas não devem ser consideradas como serviços simplesmente assistenciais nem se limitarem a ser um estágio preparatório para alfabetização.

Outro ponto fundamental, definido pelo MEC, é que a faixa de ensino de zero a seis anos deve-se basear em três importantes eixos, estes são: as brincadeiras, a movimentação das crianças e as relações afetivas que elas desenvolvem. Ou seja, todo o desenvolvimento integral da criança, de um jeito ou outro, ligado à afetividade.

Afetividade em diferentes visões

O ser humano é dotado de vontades e sentimentos próprios que começam a se desenvolver desde o nascimento. Ao longo da infância, ocorre o processo de desenvolvimento socioafetivo, período em que são importantes as interações que proporcionam vivências afetivas.

Tanto a família quanto a escola (educadores), exercem um papel fundamental neste desenvolvimento, pois são eles que coordenam o processo de aprendizagem. Neste sentido, tanto Wallon, quanto Vygotsky e Piaget tornam seguro o entendimento sobre o aspecto socioafetivo para a cognição das crianças.

Para Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual tem dois componentes: o afetivo e o cognitivo, sendo este desenvolvimento afetivo representado por sentimentos, desejos, vontades e emoções no geral.

É nas vivências que a criança se realiza com outras pessoas, que ela supera sua fase egocêntrica, constrói a noção do eu e do outro como referência, ou seja, a afetividade pode ser considerada a energia que move as ações humanas (OLIVEIRA, 1992, p.38).

Já Vygotsky, conforme La Taille (1996, p. 72), explica que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui necessidades, interesses, impulsos, emoções e afeto. Apesar da afetividade não receber um aprofundamento nas pesquisas e teorias, Vygotsky destaca sua importância na conexão entre afeto e cognição, propondo uma abordagem unificada nas referidas dimensões.

A afetividade é um tema que vem sendo muito debatido nos dias de hoje, tanto na escola como fora dela. Mas, o que seria esta afetividade? E como ela pode influenciar na realidade escolar das crianças?

Uma das dificuldades no estudo da afetividade é a definição do que realmente significa o termo. Na linguagem geral (dicionários), *afeto* relaciona-se com sentimentos de ternura, carinho e simpatia. Nas mais variadas literaturas, *afetividade* está relacionada aos mais diversos termos: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros tantos.

No entanto é importante ressaltar na maior parte das vezes, afetividade é confundida com emoção. No entanto Wallon (apud GALVÃO, 2003 p. 61) diferencia emoções e afetividade:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoções por afetividade tratando os termos como sinônimos. Todavia não são. A afetividade é um conceito, mas abrangente no qual se inserem várias manifestações.

Para Wallon o movimento é a base do pensamento e as emoções é o que dá origem a afetividade, mas lembrando que não é a mesma coisa. O termo emoção encontra-se relacionado ao biológico do comportamento humano, referindo-se a uma

agitação, e uma reação de ordem física. Já a afetividade é utilizada com um significado mais amplo, referindo-se as vivências dos indivíduos e as formas de expressão mais complexas e essencialmente humana.

Trazendo para educação atual, a preocupação com o a forma de ensinar passa a ser tão importante quanto o conteúdo a ser ensinado. Por isso, a intensificação das relações, os aspectos afetivos emocionais, a dinâmica das manifestações e as formas de comunicação passam a ser pressupostos para o processo de construção do conhecimento.

A afetividade também é, e pode ser concebida como o conhecimento construído através da vivência, não se restringindo ao contato físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas (professor/aluno), na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem.

Vygotsky afirma que o ser humano se constrói nas relações e trocas com o outro e que a qualidade dessas experiências interpessoais e de relacionamento que determinam o seu desenvolvimento afetivo.

Por sua vez na psicogênese de Henri Wallon (apud LA TAILLE, 1992), a dimensão afetiva toma o eixo central, tanto no ponto de vista da construção da pessoa, como no conhecimento, ou seja, sustenta que no início da vida, afetividade e inteligência estão intimamente misturadas, sendo predominante a primeira.

Para Wallon, a emoção ocupa o papel de mediadora. O processo de desenvolvimento infantil acontece nas interações que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de nossas relações sociais com o predomínio das emoções sobre as demais atividades. As interações emocionais devem se basear na qualidade, com o objetivo de aumentar o horizonte das crianças e levá-las a ultrapassar sua subjetividade e entrar no meio social. Na concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar, como também conhecer o estado emocional de seu aluno, para melhor estimular seu crescimento individual.

Na Educação Infantil, a relação da professora com os alunos, no coletivo ou individual, acontece em todos os momentos, desde a chegada da criança à escola, à hora da merenda e recreio, e é em função desta proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento que prepare a criança para a vida.

Santini (1997, p.89) afirma que, “essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento”.

Complementa o mesmo:

Neste caso, o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde poderíamos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um peso e um respeito, enfim, onde elas são acolhidas e valorizadas, tal qual um útero acolhe um embrião (SALTINI, 1997 p.89).

Em uma visão geral, os teóricos e autores acima citados defendem que a afetividade é fundamental no desenvolvimento das crianças e conseqüentemente na escola, assim fica notável a importância da sua existência na relação professor/aluno dentro e fora da sala de aula, principalmente tratando-se da Educação Infantil.

Segundo Costa e Souza (2006 p.83)

O afeto se refere a qualquer espécie de sentimento ou emoção associada a idéias ou a complexo de idéias. Assim nas escolas, os alunos experimentam diversos tipos de afeto, desde prazer de conseguir realizar uma atividade à raiva de discutir com um colega.

O afeto existente na escola não é apenas “beijinhos e abraços” ou a maneira de um professor tratar seus alunos. Pensamos muitas vezes que afetividade representa atitudes positivas, mas como afirma a citação acima, ela vai da satisfação à raiva. Para Vygotsky, a afetividade tem dois lados: um positivo e um negativo.

O afeto positivo esta ligado a emoções positivas e altas energias, alegria, entusiasmo, excitação; já o negativo refere-se a emoções e energias negativas, medo, raiva, culpa e tristezas. Para ele, mesmo a psicologia tradicional tratando a cognição e afetividade de formas separadas, as emoções e os sentimentos dos educandos estão intimamente ligados ao processo de ensino-aprendizagem e podem auxiliar ou não no desenvolvimento cognitivo das crianças.

Vale ainda ressaltar que o desenvolvimento afetivo depende, dentre outros fatores, de qualidade de estímulos do ambiente para que satisfaçam as necessidades básicas do afeto, que é o apego ou desapego, segurança, disciplina, satisfação, comunicação, pois é nestas situações que a criança estabelece vínculos com outras pessoas; a relação mãe e bebê, por exemplo, é muito importante, pois a mãe cria as primeiras situações emocionais que influenciarão no desenvolvimento da criança em toda sua vida.

Aspectos Metodológicos

Análise da observação

Este estudo constitui uma pesquisa de caráter qualitativo, sendo realizada através de um estágio de observação na Creche Municipal na cidade de Campina Grande, Paraíba, além de questionários aplicados as professoras.

O prédio onde está localizada a instituição de ensino possui ótimas condições físicas; cozinha, área de serviço, dois banheiros coletivos, dormitório, sala de lanche, secretaria, cinco salas de aula e um pátio grande, possuindo alguns brinquedos, mas que não são utilizados.

Na instituição trabalham uma diretora, duas orientadoras, uma supervisora, funcionários de apoio (limpeza e merenda) e dez professoras, sendo duas por sala. Funciona nos turnos manhã e tarde. Atende uma clientela de nível social baixo, com crianças de dois a cinco anos.

Sob o ponto de vista pedagógico, segundo uma professora entrevistada, apóia-se na linha teórica construtivista e trabalha com projetos. No momento da observação realizada, o tema trabalhado era família. O planejamento é feito com toda equipe pedagógica semestralmente, posteriormente as professoras fazem resumidamente um planejamento diário, que no dia da observação estava sendo feito na hora da aula. A avaliação é contínua, com observações e registros diários em um caderno de anotações,

que serve de subsídio para fazer um relatório avaliativo dos alunos no final de cada semestre.

A sala de aula escolhida para a observação foi Pré I, com criança de quatro anos, totalizando 25 alunos e estavam todos presentes no dia. Nesta observação, notamos que com uma professora as crianças possuíam uma relação afetiva positiva, pois existia uma abertura para que isto ocorresse, no entanto com a outra as crianças pareciam ter uma relação de temor, medo, obtendo assim pouca ou quase nenhuma interação de forma espontânea por parte das crianças.

O ambiente físico da sala era favorável e bem organizado, uma sala grande com a quantidade suficiente de mesas e cadeiras, sendo a mobília adequada para o espaço, mas possuía poucos recursos e nenhum material pedagógico e nas paredes havia alguns trabalhos feitos pelas crianças.

Ao observar os procedimentos das profissionais, notamos que era um ponto que necessitava atenção, por serem duas professoras, seus métodos de ensino entravam em choque e era notável a diferença de comportamento entre as duas. Enquanto uma demonstrava um bom relacionamento, interação, carinho e respeito pelas crianças, a outra não parecia possuir o menor interesse e nem se esforçava para entender as necessidades de seus alunos naquele momento, ou respeitá-los, como também não ficava nem um pouco constrangida com a nossa presença. Impaciente, disse varias vezes que não queria estar ali.

A rotina desta sala iniciava-se às 7h com a acolhida, oração e algumas canções que eram cantadas no local em que estavam sentadas nas cadeiras. Após o café da manhã, também realizado na sala, era o momento da rodinha de conversas informais (hora do conteúdo), as professoras não se sentaram no chão junto como as crianças.

A atividade realizada no dia foi individual, com uma pequena mediação das professoras. Vale ainda ressaltar a diferenciação entre as duas professoras neste momento: enquanto uma chegava juntos das crianças para ajudá-las, a outra causou uma discussão com uma aluna, pois a professora queria impor que a criança escrevesse com letra cursiva, mas a mesma não conhecia ainda este tipo de letra e recusou-se dizendo que aquele nome que a professora estava mostrando não era o seu. A professora se de atrevida, pois queria saber mais do que ela.

Neste dia foi utilizado um recurso feito pela professora, um cartaz com os vários tipos de casas, a atividade era significativa, pois estava inserida no contexto trabalhado, mas não oferecia desafios para os alunos.

Na hora da merenda e recreação, as professoras não interagiram e nem observavam as crianças, pois as mesmas ficavam conversando e olhando revistas.

Mesmo sendo em pouco tempo de observação, notamos que a maioria das crianças possuía dificuldades de aprendizagem, problemas esses confirmados pelas professoras através de conversas conosco.

O que podemos analisar deste estagio de observação?

A importância da afetividade na relação professor/aluno, pois nesta experiência tivemos as duas faces da moeda: uma professora que se importa com as relações afetivas e outra que parecia só estar ali para cumprir um horário em sua agenda de trabalho.

A ligação afetiva na relação professor/aluno é fundamental para que se desenvolva o processo de ensino-aprendizagem; a importância evidenciada principalmente na educação infantil. Mas como se dá o encontro deste educador com a criança? Como saber se as ligações emocionais vão dar certo? Como agir diante das dificuldades? Como esta segunda professora acima citada poderia mudar a sua prática? Para Davis e Moraes (1993)p.85:

A afetividade é a resposta para todas essas perguntas, pois o afeto pode ser entendido como energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais, ela influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

E isso se dá através da relação que o professor estabelece com seu aluno, porque não adiante apenas ser um professor extremamente responsável, ministrar todos os conteúdos no tempo determinado pela escola, se sua formação só se baseia em teorias, se ele deixa de lado as experiências, as emoções e o afeto.

O afeto refere-se a atitudes e sentimentos expressados ou presentes no ambiente. A maneira de ser, de atuar e falar de cada professor é muito significativa. Ele pode ser frio, distante, desinteressado ou pode ser alegre, amável e se interessar pessoal e

individualmente pelos alunos. Também a sala pode ser fria, sem nenhuma decoração, ou pode ter avisos, quadros, plantas, animais e trabalhos artísticos. Isto vai afetar diretamente os sentimentos e atitudes dos educandos.

Um ambiente frio e triste não produz motivação para aprender. A sala deve ter cores e decorações para criar um ambiente de aceitação.

Quando a criança nota que a professora gosta dela, e que a mesma apresenta certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, a aprendizagem torna-se mais facilitada; ao perceber os gostos da criança, o professor deve aproveitar ao máximo suas aptidões e estimulá-la para o ensino.

Ao contrário, o autoritarismo, inimizade e desinteresse podem levar o aluno a perder a motivação e o interesse por aprender, e até mesmo a traumas lembrando que trata-se aqui de crianças iniciando sua escolarização.

Análise e discussão dos resultados dos questionários

Perfil dos Profissionais

O questionário foi aplicado á oito profissionais, todas do sexo feminino, com média de idade 35,4 anos. Seis delas tem curso superior completo, formadas em Pedagogia, uma formada em Serviço Social e outra em Letras. Das profissionais consultadas todas trabalham na Educação Infantil sendo quatro do maternal, duas do pré-I e duas do pré-II.

Quanto a quantidade de horas de trabalho 6 trabalham 20h semanais, uma 30h e outra 40 horas semanais, na mesma instituição. Em relação á experiência, a maioria trabalha a mais de 4 anos em sala de aula.

Respostas dos sujeitos e análise das questões

1. O que é afetividade na relação Professor-aluno?

Após a leitura e análise de todas as respostas, categorizamos e construímos o quadro abaixo:

| CATEGORIAS | EXEMPLOS |
|--------------------------------------|--|
| Expressão de sentimentos | Carinho, confiança, dedicação, compreensão, emoção sensibilidade |
| Formação de valores e personalidades | Auto-estima, construção da autonomia, respeito, solidariedade |

A seguir, as respostas das professoras que ilustram as categorias já mencionadas.

Professora 1:

“ A formação dos valores é buscada permanentemente no cotidiano das crianças. Auto-estima, confiança em si mesmo, cooperação, solidariedade, respeito ao outro ”

Professora 2:

“ Respeito, valorização, confiança, emoção, sensibilidade, fatores importantes para construção da autonomia e formação da personalidade.

Professora 3

“Compreensão, carinho, atenção, essas conquistas são essenciais na relação professor/aluno”

Professora 4

“ É toda relação que transmite carinho, confiança e dedicação entre ambas tanto professor quanto aluno ”

Professora 5

“E parte integrante da nossa vida, é ela que acompanha toda e qualquer expressividade para que melhor sejamos entendidos”

Professora 6

“É educar. Pois como diz Paulo Freire “Não há educação sem amor”. A afetividade é essencial na construção do saber, o vínculo afetivo entre professor e aluno é o estopim da construção e reconstrução do conhecimento”

Professora 7

“É a interação ou o elemento inseparável para o processo de conhecimento. A afetividade permite a inter-relação entre professor e o aluno, numa perspectiva efetiva da ação pedagógica, ampliando um elo significativo nas relações sociais e no desenvolvimento biológico e cognitivo.”

Professora 8

“ *A afetividade na relação professor/aluno é o ponto chave para todo em sala de aula, pois é através da interação e dos sentimentos que conseguimos obter sucesso em nossa caminhada rumo ao desenvolvimento cognitivo dos nossos alunos*”

Diante das respostas obtidas para a primeira pergunta, a visão holística de grande parte das professoras acerca do que representa a afetividade na relação professo/aluno esta ligada a expressão de sentimentos e formação de valores, sendo que cada uma, em sua particularidade, vai de acordo com o que diz os teóricos estudados. Quando Piaget afirma que o desenvolvimento intelectual tem dois componentes: o afetivo e o cognitivo, sendo este desenvolvimento afetivo representado por sentimentos, desejos, vontades e emoções, vai de encontro ao que diz, por exemplo, a professora 7 quando relata que a afetividade “é a interação ou elemento indispensável para o processo de conhecimento”, ou a professora 6 que afirma que afetividade é um ato de amor sendo este “o estopim da construção e reconstrução do conhecimento”

É importante ressaltar que as professoras de 1 a 4 classificam a afetividade semelhante a conceitualização dos dicionários em geral, os quais diz em que, *afeto* relaciona-se com sentimentos de ternura, carinho e simpatia, já as professoras 6 e 7 foram mais além relacionando o afeto e o conhecimento como fatores inseparáveis com diz Piaget e Vygotsky.

2. Para você qual é a importância desta afetividade para o processo de ensino-aprendizado do seu aluno?

Após a leitura e análise de todas as respostas, categorizamos e construímos o quadro abaixo:

| CATEGORIAS | EXEMPLOS |
|---------------------------|---|
| Aproximação na relação | Construção da amizade e confiança |
| Desenvolvimento cognitivo | Facilita a aprendizagem, o desenvolvimento e interação. |
| Formação do caráter | Contribuindo para indivíduos mais amorosos e preparação para vida |

A seguir, as respostas das professoras que ilustram as categorias já mencionadas.

Professora 1

“ Nesse período, têm início os processos da formação da consciência do eu e do nós, das próprias capacidades; da construção da razão, do julgamento, moral das condições de vivencia.

Professora 2

“ Essa afetividade auxilia, aproxima o professor do seu aluno, facilitando a interação, intervenção, o conhecimento sobre o seu aluo. O relacionamento interpessoal da criança acontece primeiro na família, depois na escola e esses ambientes de socialização são fundamentais no desenvolvimento do aluno e a afetividade faz-se presente.”

Professora 3

“ No processo de desenvolvimento cognitivo.”

Professora 4

“ É um dos pontos chave para uma boa aprendizagem”

Professora 5

“ É fundamental nesse processo por ser um aspecto do desenvolvimento que não se separa do cognitivo capaz de desenvolver interesses, desejos e vontade de aprender...”

Professora 6

“A afetividade proporciona a superação no aprendizado, permite a real formação no caráter, o amor permite inclusive com a correção, a construção digna de um cidadão atuante na sociedade. Falamos tanto que esse é o objetivo fundamental da escola, mas como formar cidadão sem amor? O vínculo afetivo permite que o aprendizado do aluno seja significativo, ajudando-o inclusive a superar suas dificuldades.”

Professora 7

“No meu ponto de vista a afetividade é algo fundamental para o aprendizado, uma vez que, possibilita ao aluno vivenciar possibilidades intuitivas e cognitivas na construção do conhecimento. A afetividade dimensiona os saberes do aluno, preparando-o para lidar com as ações da vida e inter-relacionando com os aspectos bio-psico-social, favorecendo assim, o processo de ensino aprendizagem.”

Professora 8

“ Como disse anteriormente a afetividade é a chave fundamental, pois quando conhecemos nossos alunos, seus sentimentos, medos, vontades e nos aproximamos deles estabelecemos uma ligação que auxilia e facilita o seu desenvolvimento e sua aprendizagem, pois é mais fácil aprender quando temos uma relação de motivação e confiança com aqueles que nos cerca.”

Vimos através da resposta da professora 1, que a mesma ficou um pouco confusa não conseguiu assim responder o que foi proposta na questão. Já a professora 2 falou um pouco da importância da afetividade por aproximar o professor do aluno e mencionou a família e escola, o que encontra eco naquilo que relatamos no texto que criança, ao entrar na escola pela primeira vez, precisa ser muito bem recebida, porque nessa ocasião dá-se um rompimento de sua vida familiar para iniciar-se uma nova experiência, e a afetividade vem a facilitar esse processo, no entanto nenhuma das duas professoras mencionou a relação com a aprendizagem.

As professoras 3 e 4 foram sucintas, mas destacaram a importância da afetividade para o desenvolvimento cognitivo. A professora 5 foi mais além e mencionou a afetividade como sendo inseparável do desenvolvimento cognitivo, o mesmo afirma Piaget, quando diz que o desenvolvimento intelectual tem dois componentes, o afetivo e cognitivo, e Vygotsky que destaca sua importância na conexão entre afeto e cognição, propondo uma abordagem unificada nas referidas dimensões e também explica que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui necessidades, interesses, impulsos, emoções, e conseqüentemente, o afeto.

Já as outras professoras mencionam a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizado, para a formação do caráter das crianças, construindo assim indivíduos mais amorosos, motivados e confiantes, como diz Oliveira “A afetividade pode ser considerado a energia que move as ações humanas”. (1992, p.38)

3. Como esta afetividade é vivenciada em sua sala de aula?

Após a leitura e análise de todas as respostas, categorizamos e construímos o quadro abaixo:

| CATEGORIAS | EXEMPLOS |
|-----------------------|---|
| Ação interventora | Mediação em atividades, resolução de problemas, na motivação, na compressão, reflexão e em brincadeiras |
| Palavras e ou/ gestos | Ouvir, parabenizar, elogios, expressão de gestos carinhosos, solidariedade, beijos, abraços... |

A seguir, as respostas das professoras que ilustram as categorias já mencionadas.

Professora 1

“ Cooperação, solidariedade, respeito ao outro, tolerância, compreensão da diversidade com riqueza social, respeito ao que é de uso coletivo, participação e responsabilidade, cumprimento de acordo e regras de convivência vão se construindo aos poucos nas relações entre crianças e delas com adultos.

Professora 2

“ Nos momentos de mediação dos problemas, no dia-a-dia na construção da autonomia do aluno, na confiança criada para superar dificuldades.”

Professora 3

“ No início quando as crianças chegam na sala, atenção da professora, beijos, abraços, e elogios como dizer que a criança esta linda e de parabéns.”

Professora 4

“Em todos os momentos nas trocas de conhecimento, atividades, hora da chegada e em outros momentos.”

Professora 5

“ Desde o receber as crianças (ao chegar) o ato de ouvir, motivar, parabenizar, brincar juntos, trocar palavras e gestos carinhosos (abraço, beijo) etc.”

Professora 6

“A afetividade proporciona a superação no aprendizado, permite a real formação no caráter, o amor permite inclusive com a correção, a construção digna de um cidadão atuante na sociedade. Falamos tanto que esse é o objetivo fundamental da escola, mas como formar cidadão sem amor? O vínculo afetivo permite que o aprendizado do aluno seja significativo, ajudando-o inclusive a superar suas dificuldades.”

Professora 7

“A afetividade é vivenciada em meu cotidiano de sala de aula através da minha ação interventora no sentido de valorizar os saberes dos meus alunos, envolvendo atividades prazerosas, nas quais as crianças vivenciam naturalmente experiências significativas, envolvendo ações reflexivas e lúdicas, permitindo dessa forma a interação o fazer criativo e a socialização das diversas possibilidades de conhecimento.”

Professora 8

“Em todos os momentos, desde o receber o aluno, ao recreio, nas conversas informais, no ouvir, mediar, brincar... Em fim tento ser atento a tudo que diz respeito ao meu aluno, procuro compreendê-lo e ter uma relação afetiva positiva para assim ajudar a se desenvolver como um ser que é dotado de vontades e emoções.”

Conforme os resultados obtidos para esta terceira questão, vimos que para a maioria das professoras, a afetividade em sua prática resume-se em “beijos e abraços”, o que vai de encontro aos teóricos estudados, pois segundo os mesmos, a afetividade vai muito além do contato físico. As professoras 1, 2, 3, 4, 5, 6, não colocaram como realmente vivenciam a afetividade, apenas os momentos em que esta é expressa, no

entanto constatamos que elas conhecem a teoria e sabem o que significa afetividade na relação professor aluno, mas sua prática não condiz com aquilo que escreveram, ou pelo menos aqui no questionário não relataram, apenas as professoras 7 e 8, que detalharam como colocam esta afetividade em prática.

A professora 7 vivencia em seu cotidiano de sala de aula, através da ação interventora no sentido de valorizar os saberes dos seus alunos, envolvendo atividades prazerosas, nas quais as crianças podem vivenciar naturalmente experiências significativas, envolvendo ações, permitindo dessa forma a interação o fazer criativo e a socialização das diversas possibilidades de conhecimento concordando com a concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar, como também conhecer, o estado emocional de seu aluno, para melhor estimular seu crescimento individual, proporcionando confiança, ações interventoras e significativas para motivar e valorizar o ser que está em pleno desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Vygotsky afirma que o ser humano se constrói nas relações e trocas com o outro, neste contexto, o professor, e é a qualidade dessas experiências interpessoais e de relacionamento que determinam o seu desenvolvimento afetivo. Na Educação Infantil, a relação afetiva da professora com os alunos, no coletivo ou individual, acontece em todos os momentos, como relata a professora 8, desde a chegada da criança à escola, à hora da merenda e recreio, e é em função desta proximidade afetiva que se dá a interação e a compreensão com os objetos da construção de um conhecimento que prepare a criança para a vida.

Considerações Finais

O objetivo primordial deste estudo foi de analisar a importância da afetividade, seu significado na relação professor/aluno e sua repercussão na aprendizagem de crianças da Educação Infantil.

Ao observarmos uma creche municipal a relação e os métodos utilizados por algumas professoras, concluímos a importância significativa da afetividade na relação professor aluno e como ela contribui positivamente para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Vimos que o cognitivo e o afetivo não se separam, são dois aspectos que andam juntos e são extremamente necessários para o desenvolvimento intelectual dos indivíduos, e tanto a escola como educador têm que oferecer um ambiente saudável, onde as crianças se sintam seguras e protegidas, sendo assim, o educador torna-se indispensável para que seus alunos sintam-se amados neste ambiente; para isso, ele deve ter consciência de sua importância, não apenas como mero reprodutor de conteúdos, mas como um ser que através da sua visão, atuação, sensibilidade e maneira de se comunicar, pode mudar a vida e o universo educacional de uma criança, que está iniciando seu processo de aprendizagem na Educação Infantil.

Na observação feita na creche, vimos uma contradição na maneira das educadoras agirem em sala de aula, uma apresentava uma afetividade positiva e outra negativa, no entanto, a primeira acabava sendo apagada pelas expressões e atitudes da outra, a qual dominava o ambiente. Vimos a expressão de medo e desconfiança das crianças em relação à segunda professora, o que possivelmente contribuía para predominância de dificuldades de aprendizagem nesta sala de aula, o que foi relatado pelas próprias educadoras. Percebemos também que as crianças não interagiam nem queriam participar das atividades propostas naquele dia.

Nos questionários analisados notamos que a maioria das professoras participantes conhece a teoria a respeito dos aspectos socioafetivos, mas na prática apresentam dificuldades em atuar de acordo com estes.

Percebemos que a maneira que o professor atua em sala de aula determina, a afetividade expressa naquele lugar, naquela relação com seu aluno, vimos que o afeto não se refere apenas ao contato físico, beijinhos e abraços, mas é tudo o que se refere a atitudes e sentimentos expressados ou presentes no ambiente.

Portanto, para finalizar, percebemos que para as crianças da Educação Infantil obterem uma aprendizagem saudável e adequada dentro do âmbito escolar, e conseqüentemente na sociedade, é necessário que haja uma relação afetiva positiva,

para que as crianças consigam sucesso em seu processo de ensino e aprendizagem, lembrando que nesta relação, professor/aluno, o amor e a afetividade são a chave para uma boa educação.

Referências

BADINTER, Elisabeth. Um Amor conquistado: o mito do amor materno. Tradução de Waltesir Dutra. – Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985. P.53- 82.

BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. A centralidade da maternagem na relação pedagógica da Educação Infantil: O discurso do docente e famílias usuários da creche. 130f. Dissertação de Mestrado – Campina Grande, PB. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes da educação nacional, p.18. Coletânea de Legislação: marcos legais. Brasília: Fundescola/MEC, 2001.

CHALITA, Gabriel. **Educação a solução está no afeto.** São Paulo, SP: Gente, 2001.

COSTA, Keila Soares da. SOUZA, Keila Melo de. Aspectos-afetivo no processo ensino aprendido na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon. Disponível em WWW.educaçãoonline.pro.br/ art-o aspectos-socio-afetivo.

DAVIS,C. e MORAES. Z. de Ramos. Psicologia na educação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

LA TAILLE, Y. Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA. M. K. de. O problema da afetividade em Vygotsky. In: La Taille, Y. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

SANTINI, C. J. P. Afetividade e inteligência. Ria de Janeiro. DP&A, 1999

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

Sexo: _____

Idade: _____

Formação: _____

1. O que é afetividade na relação professor/aluno?

2. Para você qual é a importância desta afetividade para o processo de ensino-aprendizado do seu aluno?

3. Como esta afetividade é vivenciada em sua sala de aula?

Obrigado por sua participação!